

EDIÇÃO CINCO

Lucas da Costa Mohallem

Jean Gomes de Souza

Comissão Editorial da Revista Epígrafe

É com grande satisfação que nós da Comissão Editorial da Revista Epígrafe publicamos nossa quinta edição. O lançamento deste volume – o sexto, a contar do piloto de número zero, lançado em 2013 – denota, antes de mais, o sucesso que o projeto tem logrado. O êxito desta empreitada se atribui, simultaneamente, ao apoio constante de docentes do Departamento; à colaboração de nossos autores e leitores e ao trabalho perseverante dos alunos e alunas da Comissão Editorial, tanto ativos quanto progressos.

O contexto em que publicamos a presente edição merece algumas considerações, pelos impactos que ele traz para o exercício do ofício de historiador e de lente de história. Como se sabe, o país vive um momento de retração dos investimentos públicos, em que, sob a égide da crise, são feitos muitos cortes no orçamento de setores específicos, dentre os quais se encontram a Educação e a Pesquisa. Para além dos efeitos nefastos que esta postura de austeridade seletiva acarreta para as áreas que atinge, ela traz consigo, também, uma escalada de um discurso de valorização do prático e do imediatamente útil, em detrimento das demais atividades, tidas como secundárias ou prescindíveis. Naturalmente, este tipo de discurso, quando distorcido ou exacerbado, leva a uma desvalorização de todo tipo de atividade intelectual e, por conseguinte, da História.

Diante deste quadro, tomamos a liberdade de propor, a seguir, uma breve reflexão acerca de um dos muitos aspectos que fazem da História um saber de grande importância, tanto enquanto disciplina escolar quanto como campo de pesquisa.

Conforme sugere Jörn Rusen, o tempo já transcorrido só passa a ser concebido como passado quando aqueles que o observam do presente identificam nele algo que o distinga do tempo em que vivem, o que os leva a cindir o que veio antes do que então existe no presente.

Assim, o passado, na condição de um tempo que se define por oposição ao presente, é sempre um *outro*, pois só se torna passado na exata medida em que não se identifica ao presente.¹

A História nos oferece uma oportunidade de nos debruçarmos sobre o passado numa perspectiva crítica e, ao fazê-lo, nos coloca diante deste *outro*. O contato com realidades, processos e estruturas distintas daquelas que conhecemos nos leva, ainda que aos poucos, a compreender que tudo o que pertence ao mundo humano está sujeito a transformações. Esta é uma das principais potencialidades da crítica histórica: desontologizar as formas, e pulverizar tudo que se apresenta como eterno. Assim, ao nos colocar em contato com a alteridade do passado, a História concorre para aguçar nossa capacidade de apreender a diferença e a transformação, e com isso, nos torna mais aptos a pensar em uma realidade distinta daquela em que vivemos. Isto porque, quando constatamos que o passado é tão distinto do presente, é consequente que projetemos no futuro um mundo que destoe daquele que hoje conhecemos. Eis a vocação cidadã da História, que por vezes se perde de vista: fornecer às pessoas uma sensibilidade crítica, que as permita compreender a realidade em que vivem por um recorte diacrônico, sensível às transformações.

Com o presente lançamento, a Revista Epígrafe pretende reafirmar seu comprometimento com a tarefa de oferecer, ao nível da graduação, um espaço de diálogo e divulgação de um conhecimento histórico produzido por historiadores e historiadoras em formação – espaço este que se mostra tanto mais valoroso quando se leva em conta o período de crise e desprezo em que vivemos. Esperamos, com isso, dar nossa pequena contribuição para o desenvolvimento desta sensibilidade crítica que só a História é capaz de prover.

Feitas estas considerações, passemos, agora às atividades desenvolvidas pela Revista nos últimos dois semestres, bem como aos textos e a entrevista que compõe a presente edição. Dando continuidade ao projeto *Seminário Permanente: Os Caminhos da Pesquisa*,

1 RUSEN, Jörn. "Utopia, alteridade, *kairos* – o futuro do passado", in *História Viva. Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010, p. 135-150.

espaço no qual professores e professoras do Departamento de História da USP são convidados a falar sobre a trajetória das pesquisas que desenvolvem, contamos com a participação, para a quarta edição do evento, do Prof. Dr. Marcos Napolitano, que proferiu a palestra **A pesquisa em História do Brasil Republicano: compartilhando uma trajetória pessoal**. Na edição subsequente, realizada em novembro de 2017, a convidada foi a Profa. Dra. Gabriela Pellegrino Soares, que discorreu sobre a **História da América Latina nos Séculos XIX e XX: o desafio de adensar a narrativa acerca das dinâmicas culturais e políticas da modernização**.

Entre os dias 6 e 9 de novembro de 2017, nas dependências da FFLCH-USP, organizamos o evento intitulado *História e Novas Mídias*, que teve por objetivo discutir a relação da história com as mídias digitais e eletrônicas em uma dupla perspectiva: de um lado, foram postas em causa as transformações pelas quais tem passado a escrita da história em face da crescente importância das mídias eletrônicas; do outro, buscou-se tratar das condições de publicação e divulgação da pesquisa histórica no mundo dos suportes digitais. Além de mesas redondas compostas por especialistas, o evento também contou com comunicações, nas quais os alunos e alunas da graduação apresentaram seus trabalhos.

Os leitores e leitoras desta edição poderão apreciar um total de oito artigos. Quatro deles versam sobre os mais variados temas: as maneiras pelas quais as mulheres foram retratadas na história da arte ao longo dos tempos; aspectos da educação nacional durante a ditadura civil-militar; análise documental dos tempos sociais no conto *O diabo no campanário* (1839) de Edgar Allan Poe; estudo de *O povo*, de Jules Michelet, através das suas perspectivas históricas, metodologia e relação com o surgimento da História como disciplina no século XIX. A outra parcela de artigos compõem um dossiê, pois possuem em comum o fato de trabalharem os relatos de viagem como fontes históricas. Para a apresentação do dossiê **Relatos de viagem** convidamos a Profa. Dra. Stella Maris Scatena Franco, professora de História da América Independente do Departamento de História da Universidade de São Paulo e que se dedica a estudar as viagens e os viajantes, as relações de gênero e a formação dos Estados nacionais na América Latina.

Nesta edição tivemos o privilégio de ter como entrevistado o Prof. Dr. Fernando A. Novais, Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Fernando Novais foi professor desta universidade de 1961 a 1986, e da Universidade Estadual de Campinas de 1986 a 2003. É autor do clássico *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*, defendido como tese de doutorado em 1973 e que teve a sua primeira edição em 1979, diretor da coleção *História da vida privada no Brasil* e um dos organizadores da *Nova História em Perspectiva*, dentre outros. Orientou diversos pesquisadores e pesquisadoras que hoje compõem os quadros docentes de diversas universidades do Brasil e do exterior. A nós, estudantes da graduação em História, as menções ao seu nome são constantes logo nos primeiros semestres da graduação, seja em História do Brasil Colonial, em História Ibérica ou História Moderna.

Sendo a *Epígrafe* uma revista de graduandos e graduandas para graduandos e graduandas, nesta entrevista buscamos conhecer os anos iniciais da formação do professor Fernando Novais, o ambiente universitário do período em que ela ocorreu, a fim de que o nosso público leitor pudesse conhecer um pouco mais desse historiador que nos é referência. Essas questões iniciais, como será possível constatar, foram apenas a centelha necessária para que o nosso entrevistado discorresse sobre uma série de outros temas da maior importância, tanto do passado quanto da contemporaneidade.

Por fim, como não poderia deixar de ser, gostaríamos de prestar homenagem a um querido amigo e colega que nos deixou em janeiro deste ano: José Heleno Barbosa. Heleno, como todos o conhecem – e aqui empregamos todos em sentido literal – foi, sem dúvida, um sujeito notável: de voz grave e um bom humor inabalável, sempre cativou a atenção daqueles a seu redor com a boa prosa que tinha. Durante os cinco anos em que estive na Universidade de São Paulo, fez dessa experiência, para si e os demais, algo singular. Heleno sempre demonstrou um entusiasmo contagiante por aquilo que estudava, como bem exemplificam seus estudos sobre Francisco das Chagas, o Cabra, escultor da segunda metade do século XVIII, ou sua marcante passagem pelo arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros

(IEB USP), onde trabalhou com a coleção Djalma Forjaz/Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, em cujo trato exerceu sua paixão pela paleografia.

Contudo, para além de sua estimulante atividade intelectual, que sempre motivou seus colegas, Heleno foi inigualável, também, pela relação que estabeleceu com a Universidade e pelo tipo de convivência que cultivou nesse espaço. Falante e extrovertido, nunca se privou do prazer de tecer relações que extrapolassem o ambiente da sala de aula. Fosse no corredor, na fotocopiadora ou no Restaurante Universitário, era comum flagrá-lo a conversar com professores, funcionários e alunos. Tamanho era seu afeto pela Universidade que nem a vida dos pássaros e o florescer das árvores lhe passavam despercebidos: não raro, o víamos a percorrer o *campus*, com a câmera pendurada no pescoço, a fim de registrar estes fenômenos que para muitos passam batidos.

Descrever a trajetória de alguém em alguns poucos parágrafos é, sem dúvida, uma tarefa que beira o impossível. Contudo, para nós, seus colegas e amigos, Heleno foi, e sempre será, este sujeito bem-humorado, entusiasmado e companheiro, cujo legado nos esforçaremos para cultivar. A Heleno, nós da Comissão Editorial da Revista Epígrafe, dedicamos a presente edição.

Abril de 2018